

**As vozes do romance: o dito marcado pelo não-dito, em *A Resistência* (2015), de Julián Fuks**

**The voices in the novel: the stated marked upon the non-stated in Julián Fuks's *A Resistência* (2015)**

Caroline Navarrina de Moura<sup>1</sup>

**Resumo**

O presente trabalho tem como objetivo analisar a trajetória da personagem narradora do romance do autor brasileiro Julián Fuks, *A Resistência* (2015), verificando como a forma em que a busca incessante pelo irmão, na obra, permite expressar a particularidade de um momento na História, a ditadura militar, e simultaneamente a interpretação dos fatos narrados permite a existência da possibilidade de dois narradores. A metodologia utilizada é o destacamento de duas passagens em que o narrador do romance descreve seu irmão, contudo, as descrições são contraditórias. A bibliografia baseia-se nos trabalhos “Da evolução literária”, de Yuri Tynianov, formalista russo, e o conceito de plurilinguismo, de Mikhail Bakhtin, enquanto que os trabalhos *O Homem e seus Símbolos* (1964), *A Ascensão do Romance* (1959), de Carl G. Jung e de Ian Watt, respectivamente, são usados como contexto para a discussão proposta neste artigo. Assim, graças à maneira como é estruturado o romance moderno contemporâneo juntamente com o uso da linguagem literária do autor em questão, podemos conceber a possibilidade de dois narradores irmãos.

**Palavras-chave:** Resistência. Romance. Formalismo. Narrador. Fuks

**Abstract**

The purpose of this paper is to analyze the course of the character narrator of the Brazilian author Julián Fuks' *A Resistência* (2015), verifying in which way the relentless pursuit for the brother in the literary work allows to express the particularity of a moment in History, the military dictatorship, and simultaneously the interpretation of the facts presented allows the existence of the possibility of two narrators. The methodology used was the detachment of two passages in which the narrator describes his brother, even though, the descriptions are contradictory. The bibliography is based on the works of the Russian formalist Yuri Tynianov's “Da evolução literária”, and Mikhail Bakhtin's concept of plurilinguism, while the works *Man and his Symbols* (1964), *The Rise of the Novel* (1959), by Carl G. Jung and by Ian Watt are used as context for the discussion proposed in this article. Thus, due to the form with which the contemporary novel is structured along with the use of the literary language, it may be conceived the possibility of two narrator-brothers.

**Keywords:** Resistance. Novel. Formalism. Narrator. Fuks

**Recebido em:** 05/04/2020.

**Aceito em:** 20/10/2020.

---

<sup>1</sup> Doutoranda e Mestre em Estudos de Literatura, na área de Literaturas Estrangeiras Modernas, com ênfase em Literatura Inglesa, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

## Introdução

A dinamicidade do âmbito literário são os braços que seguram a humanidade em união. Apesar de diferentes línguas, culturas, cores e costumes, o ato de narrar é um dos gestos mais antigos de nossa história, já que, segundo o professor e psiquiatra austríaco Carl Gustav Jung (1964), o homem se utiliza de metáforas para que assim possa externalizar em forma de imagens seus mais profundos sentimentos e opiniões sobre a natureza, o mundo que o cerca e a si mesmo.

A cada mudança de época e de gerações, faz-se necessário o surgimento de novos gêneros literários e de concepções estéticas, sendo este os casos das canções, que, em diferentes ritmos e rimas, foram e continuam sendo de suma importância para a ilustração de mitos pedagógicos para a formação de povos, assim como a poesia, que, em seu mais profundo lirismo, é capaz de expressar as questões mais íntimas de uma determinada sociedade, assim como a epopeia ao retratar e também cantar feitos heroicos, exaltando e eternizando a nacionalidade de uma determinada nação, como a grega, por exemplo. Assim também é o caso do gênero romance, verdadeiro foco deste trabalho, que emerge no âmbito literário para retratar e para expor a representação da realidade de personagens que não pertenciam aos gêneros citados anteriormente.

O romance, então, surge nos séculos XVIII e XIX para narrar os problemas diários de personagens comuns do cotidiano e também suas contradições, como resultado de três eventos históricos que mudariam para sempre o quadro social e econômico do mundo ocidental: as duas revoluções industriais e a Revolução Francesa. Os dois primeiros episódios, portanto, tiveram protagonismo no fim dos anos 1700s e o fim dos anos 1800s, em que o surgimento de fábricas contribuiria para o surgimento de uma terceira classe social entre os aristocratas e os camponeses, a classe média. Com melhores condições de trabalho e com melhores salários, a sociedade do século XVIII obteve melhores condições de vida, e o mundo tornou-se um lugar mais ‘rápido’, ‘intenso’ e ‘ágil’, à medida que a mão-de-obra da agricultura foi gradualmente substituída pela mão-de-obra industrial. Com a criação de trens e carros, as distâncias diminuíram. Juntamente a esses eventos, a Revolução Francesa, entre outros aspectos, contribui nesse processo, especialmente, com a Declaração dos Direitos Civis e com o fim definitivo do regime feudal.

Dessa forma, com o quadro mundial alterado para a Era Moderna, fez-se necessário o surgimento de outras concepções estéticas para retratar essa nova ordem que muda o ponto de vista do centro, do heroico, do poético, em direção ao urbano, à cotidianidade, à prosa: o gênero romance. Com a finalidade de representar a rotina comum de personagens também comuns, autores que engrenaram por esse caminho se fizeram fiéis ao que chamaram de ‘realismo’. Contudo, o professor e teórico literário, Ian Watts, cuja obra *A Ascensão do Romance* (1959) é considerada a obra seminal dos estudos do gênero, acredita que essa busca incessante pelo real, na concepção estética não contribui para o efeito esperado que um romance cause no leitor, visto que:

Esse uso do ‘realismo’, entretanto, tem o grave defeito de ocultar o que é provavelmente a característica mais original da forma do romance. Se o romance fosse realista meramente porque vê a vida de forma sórdida, seria apenas um romance invertido; mas na verdade ele tenta retratar todas as variedades da experiência humana, e não somente aquelas adequadas a uma perspectiva literária em particular: o realismo do

romance não reside no tipo de vida que apresenta, mas na forma como apresenta (WATT, 1959, p. 10)<sup>2</sup>.

Partindo da premissa de que o romance, portanto, é a prova literária da representação da realidade de um determinado povo, em uma época específica, de um lugar particular, o âmbito literário tornou-se o meio ideal para que fossem expressos sentimentos profundos, contradições, dos pensamentos mais racionais ao mais irracionais, medos e incertezas. Isso conduz aos objetivos deste artigo, a saber, observar e analisar como a busca incessante pelo irmão na obra *A Resistência*<sup>3</sup>, de Julián Fuks<sup>4</sup>, permite expressar a particularidade de um momento na História, a ditadura militar e, simultaneamente, como a interpretação dos fatos narrados permite a existência da possibilidade de dois narradores, fazendo com que, assim, o véu do decoro literário permanecesse. Para desenvolver esta reflexão, metodologicamente, destacam-se duas passagens em que o narrador do romance descreve seu irmão, contudo, as descrições são contraditórias. A bibliografia que embasa os argumentos dessa pesquisa conta com os trabalhos *O Homem e seus Símbolos* (1964), *A Ascensão do Romance* (1959), ambos citados anteriormente, “Da evolução literária”, de Yuri Tynianov, formalista russo, e o conceito de plurilinguismo, de Mikhail Bakhtin.

### O Gênero Romance e a sua Função Verbal

A teoria do século XX faz um corte significativo em relação ao que a antecede previamente no campo literário, visto que abandona a explicação da natureza no âmbito da Literatura, que servia de fio condutor para as análises das obras em questão. Desse modo, o Formalismo torna o campo da teoria literária em um estudo autônomo e independente, já que antes era um campo colonizado e visto por variados pontos de vista, como a História e a Psicologia. Como já mencionado anteriormente, o teórico e crítico literário Ian Watt, após observar e analisar as obras de Daniel Defoe, Samuel Richardson e Henry Fielding<sup>5</sup>, afirma que o primeiro critério de uma obra literária deveria ser o compromisso com a verossimilhança de uma experiência individual (1959, p. 4). Dessa forma, o romance, em âmbito literário, torna possível as discussões e a descrição de situações comuns de personagens também comuns. Corroborando com esse ponto de vista, o professor e crítico Robert C. Rathburn (1958, p. 19) afirma que o romance é a última forma literária criada, já que tudo que o sucede é um subgênero, como a literatura gótica, que toma traços do romance para expor situações de terror e de horror para uma determinada época e sociedade. Sendo assim, o romance que é o foco desse trabalho, *A Resistência*, de Julián Fuks (2015), entre outros aspectos, se torna uma perspectiva única no âmbito literário brasileiro, expondo uma representação particular da realidade que, ao explorar a estrutura do romance contemporâneo, torna possível a existência de dois narradores.

---

<sup>2</sup> Tradução de Bruna Moura.

<sup>3</sup> Publicado em 2015, o romance relata a busca de um irmão à procura do outro irmão, cuja relação foi interrompida devido as consequências do período ditatorial no Brasil. A partir de memórias difusas e uma narração em primeira pessoa, o narrador, ou os narradores, percorrem os locais de sua(s) infância(s) em busca de pistas que tornem possível a reconstrução dos fatos e o tão esperado reencontro. Deve-se, portanto, considerar que aqui, essa narrativa é tratada como uma obra ficcional que, assim como afirmam Tynianov (1973, p. 114), Watt (1959, p. 10) e Bakhtin (1988, p. 118), apresenta uma perspectiva particular de um momento histórico significativo da sociedade brasileira.

<sup>4</sup> Escritor e crítico literário brasileiro. Autor das obras premiadas: *Fragmentos de Alberto, Ulisses, Carolina e Eu* (2004), *Histórias de Literatura e Cegueira* (2007), *Procura do Romance* (2012) e *A Ocupação* (2019)

<sup>5</sup> Escritores ingleses relevantes para o âmbito literário do Reino Unido, visto que são considerados os precursores do gênero romance em seu país. Suas obras mais famosas são *Robson Crusóe* (1719), *Pâmela* (1740), e *Tom Jones* (1749), respectivamente.

Contudo, para que a discussão esteja completa, obras teóricas que antecedem os trabalhos citados, devem ser consideradas, visto que, para tanto, um método deveria ser proposto, e a corrente formalista, então, propõe uma descrição das formas literárias, porque o que era importante entender como funcionava a matéria literária e o que a compunha. Tendo como base a estrutura da língua, o primeiro movimento foi a libertação dos conceitos de representação, um texto é apenas um sistema de signos – conotativos, ou seja, um sistema de segundo grau, sendo o primeiro grau a língua em uso, a denotação, o referencial – que apresenta uma significação sem relação com a realidade. Todavia, o teórico e crítico literário, Yuri Tynianov, demonstra em seu artigo, “Da evolução literária”, um novo modelo de análise que aproxima a obra literária das séries sociais que a circundam sem deixar que os fatos literários percam sua autonomia no campo das ciências humanas, visto que a Literatura não é construída isoladamente.

No que diz respeito aos gêneros literários, seguindo sua hipótese inicial, Yuri Tynianov afirma que eles não são constantes, e, sim, variáveis, visto que se desenvolvem através dos séculos a partir do momento em que estão correlacionados aos sistemas em que estão inseridos. O gênero romance é o que mais se modifica em relação ao seu sistema literário, devido ao uso de seu material linguístico extraliterário, sendo somente possível distingui-lo, segundo traços secundários e menos aparentes aos olhos do leitor, como a superposição de um gênero sobre o outro em um mesmo objeto. A partir do momento em que esses gêneros se mesclam para a criação literária, as modificações sofridas por um acabam afetando o outro, tornando possível a existência de derivações do material linguístico. A evolução se dá, então, com as transformações das funções dos elementos literários. A obra pertence a todos os leitores, sendo o aspecto social que define as vanguardas dominantes:

O romance parece-nos ser um gênero homogêneo, que se desenvolve de maneira exclusivamente autônoma através dos séculos. Na realidade, não é um gênero constante, mas variável, e seu material linguístico, extraliterário, assim como a maneira de introduzi-lo na literatura, variam de um sistema literário para o outro. Os próprios traços do gênero evoluem (TYNIANOV, 1973, p. 110).

A influência e a presença de formas linguísticas que relevavam apenas a vida social ganham uma significação evolutiva, tornando fatos do cotidiano em fatos literários. A expansão da literatura na sociedade, desse modo, faz com que consideremos a sua função verbal, que remete não à obra em particular, mas à série ou sistema literários, relacionando a análise das obras aos sistemas vizinhos e não aos sistemas mais afastados, delimitando quais sistemas estabelecem devidamente uma relação interdisciplinar com a ciência literária. Tynianov (1973) classifica três tipos de influências: 1) as que não deixam traços, isto é, que não são visíveis na sua obra, mesmo que moldem o autor enquanto indivíduo; 2) as influências que modificam as obras, mas não significam evolução (verifica-se uma alteração sem significado no que diz respeito ao literário); 3) e, por fim, a mudança sem influência, ou seja, situações em que se verifica uma evolução que nada tem a ver com possíveis influências. Contudo, devemos ter muito cuidado com essa relação, porque, apesar de se relacionarem por meio da função verbal, a série literária se sobrepõe às séries vizinhas e, com isso, a personalidade literária de um determinado escritor não passa a ser nada relevante na obra em questão e não influencia em nada do texto:

Mas para resolver a questão da correlação das séries literárias com a vida social, devemos colocar outra pergunta: como e através de que a vida social se correlaciona com a literatura? A vida social tem muitos

componentes com muitas faces, e apenas a função de suas faces é específica para ela. A vida social correlaciona-se com a literatura antes de tudo por seu aspecto verbal. O mesmo ocorre com as séries literárias correlacionadas com a vida social. Essa correlação entre a série literária e a social se estabelece através da atividade linguística, a literatura tem uma função verbal em relação à vida social (TYNIA NOV, 1973, p. 114).

Assim, a partir dos conceitos explorados pelo teórico e crítico, Yuri Tynianov, como a evolução, o valor e a dominante, podemos olhar aproximadamente para a obra que é o foco central dessa pesquisa e observar que se classifica como pertencente ao gênero romance, porém, não temos a forma clássica em que há a descrição da trajetória da personagem protagonista e, sim, a distribuição de capítulos narrados em primeira pessoa que relatam fatos isolados tanto da busca pelo irmão desaparecido quanto das lembranças nostálgicas do tempo em que conviveram na mesma casa dos pais. Outro traço da função verbal que permite a possibilidade da existência de outro narrador é a distribuição dos fatos narrados que, como foi dito anteriormente, intercalam entre o tempo presente e o tempo narrado (RICOUER, 1995, p. 126). Na tentativa de encontrar o irmão, o narrador viaja a Buenos Aires para visitar a casa em que moravam na esperança obter informações a seu respeito. Ao vasculhar objetos antigos, o narrador analisa algumas fotos e nos dá a descrição física desse irmão no Capítulo 7:

Encontro um álbum de fotos cruzado na estante, largado no ângulo exato que o faça casual. Tenho que virar algumas páginas para que enfim me assalte o rosto do meu irmão, para que enfim me surpreenda o que eu já esperava. A foto não diz o que eu quero que diga, a foto não diz nada. A foto é apenas seu rosto brando no centro de uma varanda sombreada, os olhos que me contemplam através das lentes do fotógrafo, aqueles olhos tão claros, os cabelos mais lisos do que eu teria imaginado — sua beleza de criança que talvez eu invejasse (FUKS, 2015, p. 18).

Enquanto que no Capítulo 3, durante uma viagem de carro em família, a descrição física do irmão era outra:

Ele é adotado, foi o que eu disse alguma vez a uma prima que teimava em ressaltar como éramos diferentes, ele e eu, seus cabelos mais escuros e encaracolados, seus olhos tão mais claros. Na minha declaração não havia maldade ou despeito, acho, eu devia ter uns cinco anos de idade — mas, se agora me sinto impelido a me defender, talvez de fato estivesse acometido por alguma crueldade inocente, que até hoje trato de velar (FUKS, 2015, p. 9).

Por fim, a relação do literário com o não-literário permeia a narrativa inteira, visto que o período histórico militar em que as personagens estavam inseridas no tempo narrado não é mencionado no relato. Somente poucos detalhes em relação a fatos isolados, comportamentos estranhos, falas e silêncios proferidos no momento certo possibilitam ao leitor concluir em que contexto e qual situação essas personagens se encontravam. A passagem da viagem de carro, do pai com os filhos, ilustra essa situação:

Estávamos num carro dirigido pelo meu pai, e minha mãe só podia estar ausente, porque meu irmão ocupava o banco da frente, não sei se acompanhando a conversa ou perdido em pensamentos insondáveis. Fez-se um silêncio imediato. Posso ter levado um cutucão discreto da

minha irmã, que imagino sentada ao meu lado, ou a pontada foi apenas o incômodo que senti ao perceber que havia errado, incômodo que tantas vezes senti sem que ninguém me acotovelasse. Tão contundente foi aquele silêncio que dele me lembro até hoje, entre tantos silêncios pouco memoráveis (FUKS, 2015, p. 9).

## Plurilinguismo no Gênero Romance

Nos processos de desenvolvimento histórico e cultural, nada se cria ou surge de repente, práticas são adotadas, sistemas são criados na medida em que a sociedade se modifica. Desse modo, com novos paradigmas surgem também novas formas de representação estética, e, no campo da Literatura, esse parece ser o caso do romance, como apontado anteriormente. Esse novo elemento literário traz para o campo os conflitos sociais e moralistas das camadas mais simples da sociedade, tornando possível o espaço para essas discussões.

O teórico e crítico russo, Mikhail Bakhtin, tem origem formalista, mas acaba se vinculando ao pós-Formalismo devido à forma com que se relaciona com seus objetos de pesquisa, em especial, o literário. O conceito de ideologia, com que este autor trabalha, difere daquele do Marxismo clássico do século XIX. Para Bakhtin, a linguagem pode ser compreendida como base da ideologia, não havendo linguagem sem pressupostos ideológicos. Partindo da suposição de que ninguém fala sozinho, ou seja, de que precisamos da fala do outro para haver o diálogo, o emprego da língua é efetuado por meio de enunciados que trazem consigo a concretude de atos de fala, que se torna um conceito fundamental na teoria bakhtiniana juntamente com o conceito de plurilinguismo, que, de acordo com o autor, se caracteriza como “a fala de outrem no discurso de outrem” (BAKHTIN, 1988, p. 109).

Segundo o autor, a intersubjetividade é anterior à subjetividade, visto que a interação com os outros sujeitos influencia na formação do indivíduo, e analisar um enunciado, desconsiderando seu contexto de fala, é apenas um dado linguístico em um ambiente e/ou campo abstrato. Dessa maneira, Bakhtin leva para o âmbito da teoria literária a necessidade de explorar os contextos de produção de enunciado das personagens do romance. Ao contrário da poesia, que não permite uma fragmentação, porque o texto poético remete a uma única imagem devido à linguagem conotativa e ao uso de símbolos, o gênero romanesco apresenta a característica plurilingual, porque é uma invenção moderna, que dá espaço para as personagens e seus contextos, podendo haver a exploração de tipos. Sendo uma invenção moderna e burguesa, é natural que a estratificação social forneça espaço ao caráter plurilíngue, porque vamos de encontro a enunciados carregados de perspectivas ideológico-verbais, ou seja, o que realmente ocorre seria uma mistura de vozes e de falas em um único texto e em uma única obra:

E nesse caso temos diante de nós um “falar não direto”, não numa língua, mas através de uma língua, através de um meio linguístico alheio e, por conseguinte, através de uma refração das intensões do autor. O autor se realiza e realiza o seu ponto de vista não só no narrador, no seu discurso e na sua linguagem (que, num grau mais ou menos elevado, são objetivos e evidenciados), mas também no objeto da narração, e também realiza o ponto de vista do narrador. Por trás do relato do narrador nós lemos um segundo, o relato do autor sobre o que narra o narrador, e,

além disso, sobre o próprio narrador. Percebemos nitidamente cada momento da narração em dois planos: no plano do narrador, na sua perspectiva expressiva e semântico-objetiva, e no plano do autor que fala de modo refratado nessa narração e através dela. Nós adivinhamos os acentos do autor que se encontram tanto no objeto da narração como nela própria e na representação do narrador, que se revela no seu processo. Não perceber esse segundo plano intencionalmente acentuado do autor significa não compreender a obra (BAKHTIN, 1988, pp. 118-119).

Ao tornar o diálogo das personagens o ponto principal do plurilinguismo, o teórico-crítico russo legitima certa independência semântica às personagens em relação ao narrador, e, para identificar a fala de um terceiro no discurso de um primeiro, há três formas diferentes, o discurso direto, o discurso indireto e o discurso direto-impessoal, no qual a personagem internaliza o discurso do outro, como pode ser visto em Henry James, em Marcel Proust, em Jane Austen, e predominantemente na obra que é o foco desse artigo. A pessoa que fala no romance é a representação do discurso e não do homem, sendo a pessoa que fala no romance um ideólogo. Assim, os romances de Dostoiévski são polifônicos, como o próprio autor exemplifica, e não monológicos, porque há um conflito de vozes dentro da narrativa, tornando os romances mais dramáticos, visto que as vozes possuem uma consciência ideológica e dialógica próprias, não influenciadas pelo narrador, como acontece no romance monológico, como podemos perceber em *Dom Casmurro*, de Machado de Assis - em que Bentinho, personagem narrador, interpreta os diálogos com as outras personagens segundo o seu ponto de vista e a sua interpretação, conduzindo a leitura de seu público - ou até mesmo em *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen - que não se caracteriza como um romance monológico propriamente dito, mas apenas temos acesso ao que se passa com as outras personagens de acordo com o ambiente ficcional das irmãs Bennet. Dostoiévski, portanto, faz o oposto do romance burguês, que é marcado pelo individualismo, a partir do momento em que dá espaço a vozes diversas.

No que concerne o romance *A Resistência* (2015), ao analisarmos a partir de sua narração e da voz da narração, podemos perceber a influência constante que permeia os fatos relatados da presença do segundo irmão, que é o foco da eterna busca, e do meio em que estão inseridos, ou seja, uma família não-brasileira que por algum motivo extraliterário, como podemos ver mais adiante no decorrer da história, teve de deixar seu país de origem e também aprendemos sobre sua posição em relação aos eventos que se sucederam. Ao fazer uso dos três tipos de discurso a fim de externalizar a trajetória não somente física, mas também emocional, Julián Fuks se utiliza do gênero romance moderno, que, somente em apresentar as falas e os pensamentos mais íntimos desse narrador, expande a forma clássica do gênero romance, mostrando apenas a ponta do iceberg sugerida pelo escritor norte-americano Ernest Hemingway, fazendo com que o público leitor deva interpretar e inferir o contexto e as condições dos atos de fala das personagens que acompanham a narrativa. Dessa forma, o dito é marcado pelo não-dito, o que permite o caráter ficcional da obra e o surgimento de dois narradores dos fatos, o que também auxilia na explicação da personalidade contraditória dessa voz que narra:

Essa correlação, essa conjugação dialógica de duas linguagens e de duas perspectivas permite que a intenção do autor se realize de tal forma que nós a percebemos nitidamente em cada momento da obra. O autor não está na linguagem do narrador nem na linguagem literária normal, com a qual está correlacionada a narrativa (embora ela possa estar próxima de uma e de outra língua), mas ele se utiliza de ambas para não entregar inteiramente as suas intenções a nenhuma delas: ele utiliza essa

comunicação, esse diálogo das línguas em cada momento da sua obra, para permanecer como que neutro no plano linguístico, como ‘terceiro’ na disputa entre as duas (mesmo que esse terceiro possa ser parcial) (BAKHTIN, 1988, p. 119).

## Considerações Finais

A literatura é uma das redes que aproximam as características em comum de nós, sujeitos leitores, pertencentes de diferentes tempos, espaços, línguas e culturas. Conforme avançamos e progredimos social e politicamente, há a necessidade de novas concepções estéticas e de novos gêneros para que possamos nos expressar e agregar essas novas memórias ao nosso imaginário coletivo. Esse é o caso do surgimento do gênero romance que emerge no âmbito literário para que novas personagens, personagens comuns do cotidiano das classes mais humildes pudessem ser retratados e que também seus conflitos e suas contradições pudessem se tornar temas de histórias que se perpetuariam, visto que o novo público leitor que surgia na Europa do século XVIII se identificaria (WATT, 1959, p. 10).

Com isso, o gênero romance, que abre espaço para a expressão do discurso dos conflitos sociais das camadas esquecidas da sociedade no campo literário, adquire a determinada responsabilidade que carrega a partir do momento em que dá voz a diferentes tipos seja por meio de ideólogos ou ideologemas, momentos de inscrição sócio-cultural-ideológico da pessoa que fala. Sendo um gênero abrangente, o romance adquire diversas formas, como diário e ensaio jornalístico, e, quando levamos em consideração que os diálogos apresentados são enunciados que carregam consigo uma carga ideológica que tem origem no extraliterário, o leitor torna-se autônomo ao avaliar a obra literária e a análise literária cresce no campo das ciências humanas, visto que passa a considerar as condições de produção daquela determinada corrente literária.

Considerando-se que o ato de leitura é consciente e que o público leitor se identifica e reage ao que está sendo lido, o romance alvo dessa pesquisa *A Resistência*, do autor brasileiro Julián Fuks, abre espaço para o surgimento de um segundo narrador em sua história, visto que, a partir da expansão do gênero romance, do uso da função verbal e dos três tipos de discurso sugeridos, respectivamente, pelo professor e teórico literário formalista Yuri Tynianov e o também professor e teórico literário pós-formalista Mikhail Bakhtin, a obra é desconstruída, apresentando o formato desejado de relatos distribuídos em pequenos capítulos que nem sempre contêm fatos que se seguem cronologicamente. Assim, somente a partir de situações expostas é que o público leitor pode inferir sobre o contexto e o que se passa com as personagens. Além disso, o dito é marcado pelo não dito a partir do momento em que a tensão do extraliterário invade o relato dos eventos que o próprio narrador não consegue explicar. Outra invasão que acontece é a personalidade do irmão que resistiu ao período da ditadura militar e a constante lembrança e descrição de que é adotado. Ao pensarmos em um segundo narrador, o discurso ideológico de um se mescla com o discurso ideológico do outro, mantendo a forma clássica do gênero romance nesse aspecto, o que torna essa obra em um produto híbrido, agregando novas terras ao terceiro continente (JABLONKA, 2017, p. 17).

No que concerne ao público leitor, aos se deparar com uma obra dessas é uma colisão de realidades. O leitor, com sua bagagem de vida, de leitura, de formação de

identidade, se encontra com a realidade e a bagagem representada nessa narrativa e, como afirma o professor e psicanalista brasileiro Joel Birman (1996, p. 66), essa colisão causa fissuras ao sermos analisados de volta, compreendendo o que se passa nas profundezas das relações sociais entre as personagens e entre as pessoas. Ao terminar a leitura dessa narrativa, os leitores devem preencher novamente as fissuras que foram abertas e lidar com a terceira noção da realidade que se costurou com a exposição ao romance, expandindo nossa noção de mundo e experiência de vida.

## Referências

- AUSTEN, J. **Orgulho e preconceito**. São Paulo: Penguin, 2011.
- ASSIS, M. **Dom Casmurro**. São Paulo: Penguin, 2016.
- BAKHTIN, M. O plurilinguismo no romance. In: BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética**. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BIRMAN, J. O sujeito na leitura. In: BIRMAN, J. **Por uma estilística da existência**. São Paulo: Editora 34, 1996.
- DEFOE, D. **Robson Crusoe**. Nova Iorque: Penguin Classics, 2003.
- FIELDING, H. **Tom Jones**. Nova Iorque: Penguin Books, 1999.
- FUKS, J. **Histórias de literatura e cegueira**. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- FUKS, J. **Fragmentos de Alberto, Ulisses, Carolina e eu**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.
- FUKS, J. **Procura do romance**. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- FUKS, J. **A resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- FUKS, J. **A ocupação**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- JABLONKA, I. **O terceiro continente**. Tradução: Alexandre de Sá Avelar. ArtCultura, Uberlândia, v. 19, n. 35, p. 9-17, jul.-dez. 2017
- JUNG, C G. **Man and his symbols**. Anchor Press. Nova Iorque: Doubleday, 1964.
- RATHBURN, R C. The Makers of the British Novel. In: RATHBURN, R C.; STEINMANN, M. **From Jane Austen to Joseph Conrad**. University of Minnesota Press: Minneapolis, 1958.
- RICOUER, P. **Tempo e narrativa**. São Paulo: Papyrus, 1995.
- RICHARDSON, S. **Pamela**. Londres: Oxford University Press, 2008.
- TYNIANOV, Y. Da evolução literária. In: EICHENBAUM, B. et alii. **Teoria da literatura: formalistas russos**. Porto Alegre: Editora Globo, 1973.

WATT, I. **The rise of the Novel**. 2<sup>nd</sup> Ed. Los Angeles: The University of California Press, 1959.